

Artigo / Article

# A oficina epistolográfica de João de Araújo Correia

*João de Araújo Correia's epistolographic workshop*

**Ana Ribeiro** 

Universidade do Minho, Portugal

anar@elach.uminho.pt

<https://orcid.org/0000-0003-4993-4376>

Recebido em: 31/05/2024 | Aprovado em: 20/11/2024

## Resumo

O escritor João de Araújo Correia (1899-1985), reconhecido contista e cronista português, foi também um entusiástico epistológrafo. Durante cerca de quarenta anos guardou cópias das cartas que expediu, tanto manuscritas como dactilografadas. Nos doze volumes atualmente disponíveis da sua correspondência, encontram-se, em alguns casos, duas versões diferentes do mesmo texto. O objetivo deste estudo é perceber o processo de escrita do autor e os princípios que o orientam, tendo como suporte teórico os trabalhos de Jean-Michel Adam no domínio da linguística do texto. Verifica-se que a reescrita incide sobretudo na extensão do texto e na formulação linguística. Este processo é indissociável do tipo de carta em causa, decorrente do relacionamento entre o remetente e o destinatário, pela autoimagem que o primeiro quer transmitir ao segundo e aos eventuais leitores futuros, assim como pela imagem destes que aquele possui ou antecipa.

**Palavras-chave:** Reescrita • Cópia • Correspondência • Epistolário

## Abstract

João de Araújo Correia (1899-1985), a renowned Portuguese short story writer and chronicler, was also an enthusiastic epistolographer. For around forty years he kept copies of the letters he sent, both handwritten and typed. In the currently available twelve volumes of his correspondence, there are, in some cases, two different versions of the same text. The objective of this study is to understand the author's writing process and the principles that guide it, having as theoretical support Jean-Michel Adam's work in the field of text linguistics. It appears that

rewriting mainly affects the length of the text and linguistic formulation. This process is inseparable from the type of letter in question, resulting from the relationship between the sender and the recipient, due to the self-image that the first wants to transmit to the second and to possible future readers, as well as the image of these that the former has or anticipates.

**Keywords:** Rewriting • Copy • Correspondence • Epistolary

## Introdução

Foi em 1938 que João de Araújo Correia (JAC), médico nascido em Canelas, uma aldeia no Douro, em 1899, publicou a sua primeira obra, intitulada *Sem método*. Até 1980, cinco anos antes da sua morte, outras se lhe seguiram, reunindo crónicas que publicava na imprensa nacional (*Manta de farrapos*, *Horas mortas*, *Pó levantado*, por exemplo), ora contos originais (*Contos bárbaros*, *Terra ingrata*, *Montes pintados*, entre outros). O seu único volume de poesia, *Lira familiar*, foi publicado em 1976<sup>1</sup>.

Reconhecido contista e cronista, este médico-escritor foi também um incansável epistológrafo, como fica bem claro pelos diversos volumes em que reuniu cópias de cartas, telegramas, cartões de visita ou bilhetes postais que redigiu. O carácter exaustivo destas recolhas sugere que o escritor nada pretende perder da sua prolífica atividade de epistológrafo, sejam quais forem os géneros utilizados<sup>2</sup>.

Qualquer que seja o suporte utilizado, os destinatários são muito diversificados, desde correspondentes ligados à atividade literária, colegas médicos ou responsáveis por certos organismos locais e nacionais. A correspondência pessoal não está excluída deste acervo, no qual se incluem mensagens enviadas a amigos e a familiares. Esta plêiade de interlocutores, indissociável da multiplicidade temática, atenua a monotonia que poderia resultar do facto de a voz que nos chega ser sempre a do remetente.

Nos doze volumes de correspondência dactilográfica a que tivemos acesso, nem todos os textos arquivados terão sido realmente expedidos. Por distração ou não, há alguns casos de cartas repetidas que parecem ser duas versões diferentes do mesmo texto<sup>3</sup>. O objetivo deste trabalho não é identificar a versão final, mas iluminar o processo de escrita das cartas, averiguar os princípios que o orientam ou quais os motivos que estão na origem da reformulação do texto. Antes disso, torna-se necessário apresentar o empreendimento epistolográfico do escritor duriense, as razões da sua existência e as conceções do autor sobre epistolografia, elementos

---

<sup>1</sup> Reunimos em *Ao Lume Brando da Urze. Estudos sobre João de Araújo Correia* (Ribeiro, 2016) vários trabalhos sobre a obra deste escritor.

<sup>2</sup> As cartas que recebeu não lhe mereceram menos cuidado, encontrando-se catalogadas nas gavetas de um arquivo de metal.

<sup>3</sup> A correspondência de João de Araújo Correia, atualmente inédita, será objeto de uma edição comentada dos exemplares considerados mais significativos.

relevantes para enquadrar o estudo e conduzi-lo no sentido do objetivo pretendido. Este implica também algumas considerações sobre o processo de escrita da carta. Género textual amplamente estudado, valer-nos-emos da bibliografia mais significativa para o nosso tema, proveniente quer dos estudos literários, quer dos estudos linguísticos, especialmente dos trabalhos que Jean-Michel Adam tem desenvolvido no domínio da linguística do texto.

## 1 "A minha correspondência é um Marão"<sup>4</sup>

Tomando uma posição idêntica à que Andréa Crabbé Rocha virá a sustentar no seu estudo fundamental *A epistolografia em Portugal* (1965), João de Araújo Correia, em 1958, numa crónica intitulada "Cartas de Trindade Coelho", depois de afirmar que "Não é demasiado rica, no género *correspondência*, a nossa literatura" (1962, p. 149, itálico no original), não deixa no entanto de defender que "Maneira de irmos enriquecendo é irmos descobrindo e publicando outros epistolários" (1962, p. 150). Este tema era-lhe particularmente caro: nesta altura, já ele guardava há mais de uma década cópias das cartas que enviava. Como reconhece numa carta a Bigotte Chorão datada de 6/9/79, o seu mestre, neste capítulo, foi, Castilho: "Sigo, há anos a esta parte, o conselho de Castilho. Guardo cópia das cartas que expeço". Leitor de correspondências de escritores, o autor do *Sem método* alude ao seguinte passo de uma missiva que o poeta ultrarromântico dirigiu a Camilo em 31/1/1866: "Porque não ha-de V. Ex.<sup>a</sup> ter uma d'aquellas machinas de copiar tão uzadas hoje em dia nos escriptorios dos negociantes, e reproduzir com ella as cartas que escreve, para no-las poder dar depois em volume impresso?" (Costa, 1924, p. 61). Tanto na prática epistolar, como no seu arquivamento, o contista duriense segue a lição de dois autores do século XIX que muito prezava, contrabalançando o desleixo do seu escritor dileto com o cuidado e a prudência do autor dos *Ciúmes do bardo*.

Ao constituir o seu copiador, Araújo Correia dá o primeiro passo para a publicação futura do seu epistolário, ou seja, cria condições para que as suas cartas permaneçam para além da situação concreta em que surgiram, cheguem a outro(s) público(s) e desempenhem funções diferentes das originais. Embora a cópia seja o "primeiro gesto em direção à "desingularização" dos objetos epistolares" (Diaz, 2007, p. 146), é graças a ela que a carta enviada a outrem não abandona o seu autor, que assim mantém a posse e o controlo sobre algo que lhe poderia escapar a partir do momento em que saísse das suas mãos, passando a sua sobrevivência e possível publicação a depender daqueles com quem se correspondeu ou dos descendentes destes. Não é por acaso que, numa carta à nora de Trindade Coelho, declara: "Sempre ouvi dizer que uma carta pertence a quem a escreveu ou a herdeiros de quem a escreveu" (Carta a Maria Christina Trindade Coelho, de 25/7/61).

---

<sup>4</sup> Esta metáfora evocativa da volumosa correspondência do autor surge numa carta enviada ao Dr. Adelino Vieira Neves, de 8/12/1972. Provém da geografia sentimental do contista.

Embora numa crónica incluída em *Pó levantado* afirme “[ter sido] sempre bastante epistológrafo” (1974, p. 75), apenas podemos contar com o registo das suas missivas a partir de 1941, altura em que contava 42 anos. No ano escolhido para iniciar o arquivo publicou JAC os seus *Contos durienses*, terceiro título da sua autoria, três anos depois de ter lançado a sua primeira obra. Parece que só depois de ter créditos firmados como escritor decidiu o contista guardar as suas missivas, como se ser epistológrafo fosse indissociável da condição de escritor<sup>5</sup>. O provável número crescente de correspondentes e o estatuto destes terá também pesado na sua opção.

O envelhecimento pode ter tornado a resposta mais demorada - “Por falta de saúde, já não sou o pontual carteador que sempre fui”, escreve a Fernando Araújo Lima em 12/10/79 - e os novos tempos podem não ser propícios à troca de correspondência, mas tal não afeta o seu fervor epistolar: “À medida que os dias passam, reconheço que a epistolografia é hoje uma saudade nos costumes literários. Mas, em mim, não é saudade. É ainda evidência. Escrevo cartas às dúzias e escrevo-as como respiro” (Carta a João Bigotte Chorão, de 6/9/79). Não surpreende por isso que o testemunho da sua correspondência se prolongue até 1983, dois anos antes da sua morte. Neste caso, é a causa natural da degradação da saúde do dedicado carteador que dita a opção pelo encerramento do arquivo. Nem por isso deixa de ser notável a persistência e coerência do escritor: encetando o arquivamento *nel mezzo del camin*, a ele se manteve fiel até perto do fim dos seus dias, como se, também neste capítulo, o avançar dos anos não tivesse afetado o projeto inicial.

Graças ao zelo do autor do *Sem método*, quem estiver interessado em estudar a sua correspondência tem, aparentemente, a tarefa facilitada, pois compilou o seu epistolário em volumes organizados por anos, do que resultou uma coleção de vinte e um tomos de dimensão variável. No entanto, o cuidado do obstinado epistolófilo<sup>6</sup> não impediu que alguma desta correspondência esteja desaparecida, restando hoje 2581 objetos postais (cartas, telegramas, cartões de visita, bilhetes postais) dactilografados, arquivados em pouco mais de metade dos volumes originais<sup>7</sup>, situação bem reveladora dos diversos perigos que ameaçam a sobrevivência da correspondência.

---

<sup>5</sup> A contiguidade entre estes dois ofícios é também sugerida nesta passagem: “Mas, é óbvio, que se fechou o meu ciclo de carteador e, provavelmente, o de escritor. Limito-me a pensar e a deitar ao papel, de vez em quando, uma nota íntima” (Carta a Fernando Araújo Lima, de 2/5/75).

<sup>6</sup> Valemo-nos do neologismo com que o lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda designa, numa carta (reproduzida em Pontes, 2011, p. 120), o seu amigo, o escritor Moreira Campos, também ele um contista exemplar radicado na região onde nasceu, motivo talvez da sua epistolomania. João de Araújo Correia emparceira sem dúvida com ele pela sua dedicação à causa da epistolografia, demonstrada pelos inúmeros exemplares que redigiu, copiou e guardou, bem como pelo repetido incentivo à publicação da correspondência de outros escritores, atitudes alinhadas com o facto de, como veremos, não considerar a carta um género menor.

<sup>7</sup> Estão disponíveis os volumes II (20-1-1961 a 14-12-1963), III (7-1-1964 a 17-12-1965), VII (1969), IX (1971), X (1972), XI (1973), XIII (1975), XIV (1976), XV (1977), XVI (1978), XVII (1979) e XXI (1983). Desconhece-se ainda o paradeiro das cópias manuscritas mencionadas numa carta a Fernando Araújo Lima de 13/12/75.

A constância epistolar do nosso escritor assenta, certamente, na natureza da carta: “A carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante. [...] corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. [...] Escreve-se, pois, ou para *não estar só*, ou para *não deixar só*” (Rocha, 1965, p. 13). Em particular, segundo o autor em estudo, “vale ao escritor, como estímulo, a carta de um amigo” (Carta ao Dr. Amorim de Carvalho, de 25/5/75), préstimo tanto mais relevante quanto o autor de *Contos bárbaros* se figurava romanticamente retirado num ermitério. A já referida associação entre escritor e carteador sai, assim, reforçada, até porque o “pacto epistolar” (Seara, 2006, p. 221) estabelece que toda a carta tenha resposta.

O copiadador, por seu turno, decorre de uma outra característica da carta, “documento perecível, sujeito a todas as formas de destruição” (Rocha, 1965, p. 9). Em termos mais imediatos, o duplicado previne o eventual extravio da missiva devido ao deficitário funcionamento dos serviços postais. Por outro lado, e uma vez que a carta se torna descartável porque, em geral, “perde rapidamente actualidade e relevância” (Silva, 2004, p. 13), o original pode desaparecer, mas a cópia arquivada não só lhe permite sobreviver, como lhe possibilita uma nova vida: “Se, depois da minha morte, houver quem o [ao epistolário] joeire e publique, dará de mim novo testemunho e algum espelho da minha época.” (Carta a João Bigotte Chorão, de 6/9/79). Esta passagem contém todo um programa em que vale a pena determo-nos. Em primeiro lugar, o epistolário é apresentado como um legado conscientemente construído, destinado a ser revelado apenas após a morte do seu autor, como se o seu desaparecimento implicasse também o fim do sigilo que, em princípio, caracteriza a relação epistolar. Seria uma forma de obviar a “falta de recuo cronológico” que, numa carta a Fernando Araújo Lima de 13/12/75, menciona como impeditiva da divulgação da sua recolha. Imprescindível para que a carta nasça, a ausência, que a morte faz definitiva, torna-se essencial para que ela renasça.

A concretização do projeto depende de terceiros, para quem o escritor transfere a responsabilidade da seleção das cartas com vista à publicação, deixando assim entrever a natureza proteiforme deste género textual. Como diz Manuela Parreira da Silva (2004, p. 25), “uma correspondência de escritor é, quase sempre, um conjunto heteróclito que releva da vida e da obra, constituindo «uma zona enigmática conduzindo do que ele é ao que ele escreve»<sup>8</sup> (Kaufmann, 1990, p. 8)”. O contista reconhece implicitamente que nem todas as missivas guardadas servirão os seus propósitos. Note-se que, apesar disso, a partir de certo ponto da sua vida, não dispensou nenhuma, como se nada quisesse ocultar ao leitor futuro, que assim acede à “prosaica existência comum do seu autor” (Silva, 2004, p. 24). No papel que lhe foi atribuído, o selecionador das cartas atua como um mediador que conduz outros leitores, para os quais compõe, à sua maneira, um retrato do epistológrafo, da sua vida e do mundo em que existiu.

Atribuindo à carta um carácter documental, a publicação torna-se, deste modo, o destino almejado para a compilação levada a cabo. Impressas, as missivas estão mais próximas de se perpetuarem. Adquirem forma definitiva e, perdendo o carácter privado, chegam a um público

---

<sup>8</sup> “une zone énigmatique conduisant de ce qu’il est à ce qu’il écrit”. As traduções são sempre nossas.

alargado, que pode assim contactar com um “eu” e com o mundo como ele o representa. Pela exaustividade e pelo arco temporal que recobre, a correspondência arquivada de JAC é pródiga em material para tal.

Emancipada do circuito que lhe deu origem, a carta presta-se, portanto, a outras leituras e a outras funções, designadamente a de repositório do passado. Se, nas palavras de Andrée C. Rocha, a carta é uma “Lição de fraternidade” (1965, p. 13), o seu arquivamento não deixa de ser um ato de generosidade destinado a preservar a memória do passado para uso dos vindouros, tema particularmente caro ao nosso epistológrafo. É verdade que “a escrita epistolar, embora ancorada no real, deixa um grande espaço à invenção e à criação”<sup>9</sup> (Pono, 2015, p. 46), mas nem por isso ela deixa de fornecer uma representação desse mesmo real, incluindo do próprio escrevente, tal como sucede com o texto literário<sup>10</sup>.

Embora “Úteis aos biógrafos, que querem se assegurar de um fato ou que procuram o “homem” por trás de seus rascunhos, úteis aos “bisbilhoteiros históricos” [...] em busca de “informações”, as cartas sempre foram resguardadas como preciosos arquivos de criação” (Diaz, 2007, p. 123), registando desde as diversas fases de gestação de uma obra, até ao “seu lento e inexorável esvanecimento nas águas turvas da memória” (Diaz, 2007, p. 123). É curioso que JAC não contemple, no seu plano, a função genética da carta. Ao emancipá-la em relação ao texto literário, confere-lhe uma existência autónoma e atribui-lhe funções específicas, encarando-a como uma forma outra de se exprimir, tão válida como a literária, e de marcar a sua presença no mundo. O ser que ele pretende que os seus leitores encontrem nas suas missivas não é sobretudo o criador literário<sup>11</sup>, mas um cidadão português do século XX. Não um cidadão anónimo, evidentemente, mas um cidadão ao qual a escrita literária deu o nome e a projeção que o tornam uma voz autorizada e justificam a edição das suas cartas. Isto não significa que, para o médico-escritor, correspondência e obra literária sejam mundos à parte. Embora não recorra à carta como oficina literária, é possível identificar pontos comuns à sua obra literária, o que não surpreende, pois também neste caso, como diz Manuela Parreira da Silva a respeito de Fernando Pessoa, “A contiguidade dos papéis é indisfarçável” (2004, p. 24).

Como temos vindo a notar, o escritor prepara o seu epistolário com os olhos postos no futuro, seja nos vindouros a quem destina o material reunido, seja no seu futuro e no da sua obra, elementos todos eles interligados. De facto, ao arquivar a sua correspondência, João de Araújo Correia começou a preparar a sua posteridade, na qual pretendia manter-se editorialmente ativo. A “carta como corpo frágil, prolongamento do corpo mortal daquele que escreve” (Silva, 2004, p. 13), vence a morte através da cópia guardada e possibilita ao seu autor uma espécie de segunda vida. Guardar cópias de cartas deriva do “instinto de autoconservação” (Silva, 2004, p. 14). Aguardam um destinatário providencial que as resgate e reponha em circulação.

<sup>9</sup> “l’écriture épistolaire, bien qu’encrée dans le réel, laisse une grande place à l’invention et à la création”.

<sup>10</sup> Significativamente, JAC sublinha que, nas cartas, “É preciso ler nas linhas e nas entrelinhas” (1974, p. 77).

<sup>11</sup> A conceção romântica de criação literária que expõe no conto “Manhã perdida”, incluído em *Folhas de xisto* (1968, p. 49-58), não se compadeceria com tal.

## 2 Antes da carta

Podemos considerar a cópia arquivada como o penúltimo avatar da carta<sup>12</sup>. Nos epistolários surgem objetos completos e definitivos que parece nunca terem existido de outra maneira, como se a aproximação ao oral e os princípios correlatos da sinceridade e da espontaneidade não permitissem que fosse de outra forma. No entanto, uma das características deste gênero textual é “O seu caráter *premeditado*, bem como a possibilidade de rasurar, e de apagar as rasuras”<sup>13</sup> (Kerbrat-Orecchioni, 1998, p. 16). De facto, “A distância dá, na verdade, àquele que escreve todo o tempo para procurar as palavras adequadas à situação e ao destinatário, e para encontrar também a imagem mais conseguida de si próprio” (Silva, 2004, p. 32). Assim, “Antes de ser objeto postal [...] a carta chamada “missiva” é texto, e mais frequentemente, “autógrafo”. Mas antes de ser texto, ela foi também, às vezes, “paratexto” – minuta, “rascunho” - o que nos coloca então na situação – reconfortante - de uma genética “endógena”” (Diaz, 2007, p. 120). A carta pode ser, assim, estudada “segundo uma perspectiva dupla : o *atelier* da carta e a carta como *atelier*”<sup>14</sup> (Pono, 2015, p. 76). Ao contrário do segundo, que secundariza a carta em prol da obra literária, o primeiro tipo de abordagem encara-a como objeto autónomo, com marcas próprias e com uma história que vale a pena estudar. Resgatando-a da menorização a que a hibridez, a suposta proximidade do discurso oral e o caráter privado a tinham condenado, encara-a como um profícuo campo de trabalho. O rascunho adquire, neste contexto, uma relevância indiscutível, já que funciona como memória da criação da carta, rasto da sua história.

Em geral, porém, atingida a versão final e remetida da carta, tudo o que é feito a montante passa a ser desnecessário e, por isso, é dispensado. Alguns dos mais famosos romancistas franceses do século XIX assim procederam: “baseando-se nos exemplos de Balzac, Flaubert, Sand ou ainda Zola, ele [Alain Pagès] nota que «a prática deles da escrita epistolar exclui o rascunho ou – o que vem a dar no mesmo – a ideia que se deve conservar o rascunho da redação de uma carta»<sup>15</sup>” (Pono, 2015, p. 18). A partir do último quartel do século seguinte, o rascunho sucumbe mesmo às mãos do correio eletrónico. Não é que o texto, sobretudo nos *mails* com um certo grau de formalidade, deixe de ser planeado e alterado, mas “O digital esbate a origem, como esbate a rasura, como esbate os seus efeitos de ambivalência. Desaparecido o gesto inaugural, a escrita dá-se sempre já como última, actual” (Babo, 2006, p. 93).

Por outro lado, normalmente, a existência do original dispensa a realização, a jusante, da cópia. Assim, a história de uma carta torna-se, muitas vezes, lacunar:

---

<sup>12</sup> A carta impressa será o último.

<sup>13</sup> “Son caractère *prémédité*, ainsi que la possibilité de raturer, et d’effacer les ratures”.

<sup>14</sup> “selon une double perspective : l’atelier de la lettre et la lettre comme atelier”.

<sup>15</sup> “en ce basant sur les exemples de Balzac, Flaubert, Sand ou encore Zola, il [Alain Pagès] note que « leur pratique de l’écriture épistolaire exclut le brouillon ou – ce qui revient au même – l’idée qu’on doit conserver le brouillon rédactionnel d’une lettre »”.

A norma, então, é infelizmente a desordem – e, sobretudo, a ausência. Ausência de autógrafo, ausência de rascunho, ausência de cópia: sempre falta alguma coisa. [...] Raros são os casos nos quais a minuta (rascunho feito antes da escrita, e que se conserva quando a carta, recopiada, é remetida), o manuscrito original e a cópia (posterior) são encontrados juntos, permitindo, assim, as confrontações necessárias. (Diaz, 2007, p. 140)

Para Diaz (2007, p. 142), a versão enviada guarda marcas suficientes da sua gênese:

[...] em matéria de correspondência, o estudo genético pode facilmente satisfazer-se com um corpus menos generoso. Como toda a carta é seu próprio rascunho, basta que se tenha o simples manuscrito realmente expedido para que se esteja na presença de um documento excepcionalmente rico.

Sem pôr em causa a riqueza de dados que o destinatário pode encontrar na carta sobre a história desta<sup>16</sup>, cremos que acompanhar a sua gestação revelará elementos que, permitindo perceber o processo de escrita do epistológrafo, conduzirão a um conhecimento mais profundo da carta, isto é, à compreensão do como e porquê da configuração final do texto, com evidentes ganhos semânticos.

### 3 JAC e a carta: da teoria à prática

JAC esclarece a sua filosofia sobre a carta numa crónica metatextual intitulada “Correspondências”, originalmente publicada em *O comércio do Porto* em 1969 e recolhida em *Pó levantado* (1974). Nela refuta a classificação da epistolografia como género menor, pois “Não há género menor se for tratado com o devido pulso” (1974, p. 75-76). Menciona também alguns dos seus autores canónicos - o Padre António Vieira, Herculano, Antero, Trindade Coelho -, com quem ombreiam “alguns epistológrafos humildes” (1974, p. 76). Traça a evolução do género ao comparar as “cartas de ontem” com as “cartas de hoje”. A respeito destas, considera que “Na sua qualidade de conversa escrita, vão-se como se vai a prática oral. Se esta exige tempo, mais tempo exigem aquelas” (1974, p. 77). Comprovando que a escrita epistolar é indissociável das condições históricas em que se processa, o autor parte da aproximação entre a carta e a interação oral<sup>17</sup>, de longa tradição no Ocidente<sup>18</sup>, para notar a dificuldade de sobrevivência da troca postal nos agitados tempos modernos, incompatíveis com o investimento temporal que aquela implica. Catherine Kerbrat-Orecchioni aponta precisamente esta característica como diferenciadora da correspondência: “Em comparação

---

<sup>16</sup> Diaz dá como exemplo as indicações provenientes de “outros sistemas semiológicos, sejam eles da ordem do sinal (marcas postais), do símbolo (sinete ou selo do escritor, cor do papel etc.) ou do indício (grafia, traços diversos sobre a folha, perfumes, flores secas etc.)” (2007, p. 143).

<sup>17</sup> A crónica jornalística, definida como “conversa do escritor com o leitor comum” (Correia, 1972, p. 202), participa desta mesma ambivalência entre o oral e o escrito. Ela surge, por isso, tal como a carta, contaminada pela ideia de intimidade, tanto mais sugestiva quanto, ao contrário da carta, ela é pública e dirige-se a um destinatário plural, adivinhado e não individualizado.

<sup>18</sup> Já no séc. II a. C. Cícero considerava a carta “uma conversa entre amigos ausentes” (*apud* Seara, 2006, p. 336).

com a conversação oral, a principal característica da comunicação epistolar é a sua *lentidão*: as palavras formam-se lentamente, elas encaminham-se lentamente, e pode-se demorar o tempo que for necessário para lhe responder”<sup>19</sup> (1998, p. 35).

Devido às suas múltiplas ocupações<sup>20</sup>, JAC sacrificava o seu descanso para prestar tributo a Mercúrio: “Levantei-me às 2 da madrugada para escrever cartas” (carta à filha Maria Virgínia, de 01/07/72). A abundância de correspondência recebida, bem como o escrupuloso cumprimento do pacto epistolar, assim o exigiam. A estas circunstâncias parece corresponder uma escrita automática: “Escrevo cartas às dúzias, e escrevo-as como respiro. Não há em mim, ao escrevê-las, preocupação literária de nenhuma espécie. Escrevo-as ao correr das teclas, lamentando sempre que a minha forma de letra seja ilegível” (Carta a Bigotte Chorão, de 9/9/79). De acordo com esta passagem, a carta é um texto simples, porque espontâneo e natural, ao contrário do texto literário, concepção que é ainda uma herança da “era Sévigné” de que fala Diaz (2007, p. 132) e que evoca a clássica aproximação entre o epistolar e oral. Mesmo a máquina de escrever parece não comprometer estes predicados, como se depreende da adaptação da conhecida expressão “escrever ao correr da pena”. Em contrapartida, o recurso a este aparelho faz sobressair o desejo de (se) comunicar claramente, anseio incompatível com a famosa letra de médico.

A máquina de escrever não deixa, no entanto, de afetar o processo de escrita, como o contista duriense explicitamente reconhece numa entrevista: “Escrevo à máquina como se usasse freio para escrever a passo. É a melhor maneira de ir vendo e corrigindo a escrita como se fosse prova tipográfica” (1972, p. 171). A comparação inicial não poderia ser mais expressiva quanto à morosidade que o uso da máquina de escrever impõe ao processo de escrita. Ao refrear a expressão, a máquina de escrever ameaça a sinceridade e espontaneidade<sup>21</sup>. As correções que a escrita dactilográfica não dispensa, como se depreende da segunda frase, vão no mesmo sentido. “Ver” e “corrigir” tornam-se parceiros num processo que parece antecipar as possibilidades introduzidas pelo processador de texto. Por conseguinte, e como o segundo símile sugere, concentram-se no mesmo exemplar o rascunho, o original e a prova, simbiose importante para quem dispõe de pouco tempo para escrever numerosas cartas com as delongas que a máquina impõe.

Nem sempre, porém, o resultado final satisfaz o epistológrafo: “Aproveitei o dia de ontem, que foi dominical, para escrever a V. Rer.<sup>ma</sup> uma longa carta. Acabo de a rasgar, porque

---

<sup>19</sup> “Par rapport à la conversation orale, la principale caractéristique de la communication épistolaire est sa *lenteur*: les mots se forment lentement, ils s’achèment lentement, et l’on peut prendre son temps pour y répondre”.

<sup>20</sup> Para além de médico e escritor, foi também empresário, conferencista, colaborador regular na imprensa e pai/avô.

<sup>21</sup> Maria Augusta Babo assinala igualmente a convivência difícil entre a espontaneidade e a escrita dactilográfica: “Uma poética da rasura instalou-se como uma espécie de mais-valia de subjectividade na escrita, porque ligada à própria espontaneidade do sujeito, à qual já a máquina de escrever vem retirar alguma aura” (2006, p. 92). Acrescente-se ainda que, num texto dactilografado, a assinatura manuscrita quebra com a impessoalidade deste tipo de escrita.

me saiu tão extensa como pretenciosa. Fora! Seja eu breve e humilde para não trair a minha sina” (Carta ao Padre Moreira das Neves, de 5/5/75). Colocando-se no lugar do destinatário, desagrada ao escritor a imagem de si que se desprende da carta original. Não é, portanto, a sinceridade nem a espontaneidade que regem a escrita epistolar. Por considerar que a missiva veicula um “eu” no qual o autor diz não se rever, destrói-a. Exorcizada esta imagem considerada falsa e eliminado o texto que lhe servia de suporte, o mitente aproveita para garantir a autenticidade do “eu” que o destinatário vai encontrar no texto, como se quisesse dissipar qualquer dúvida que a este respeito surgisse no seu leitor<sup>22</sup>, procurando assim conferir maior autenticidade ao agradecimento que a seguir expressa: “Da carta sacrificada, aproveito agora o essencial, que é o meu agradecimento ao elogio das *Nuvens singulares*”. Apesar de destruída, a carta original não deixa de aproveitar à que se lhe segue, acabando por funcionar como o seu rascunho. Desaparecido o seu corpo, ela sobrevive na memória que dela exhibe a sua sucessora.

Casos houve, no entanto, em que a carta preterida e a respetiva cópia não desapareceram. Nos volumes a que tivemos acesso, deparamos com cinco situações destas. É certamente um número diminuto face à amplitude do epistolário em apreço. A confissão tentada junto ao Padre Moreira das Neves permite-nos pensar que outras alturas terá havido em que uma versão insatisfatória foi eliminada, o que não é de estranhar, face à já referida desvalorização de todo o trabalho de redação anterior à versão definitiva. A inclusão destes cinco exemplos reveste-se, pois, de uma certa excecionalidade, sobretudo se se atender à maneira como o epistológrafo se auto define numa carta a Belarmino Pedro de 4/8/72: “Sou muito metódico em epistolografia”. Interrogamo-nos, assim, sobre as razões da sua inclusão no epistolário, lugar destinado a arquivar cópias de cartas enviadas, sobre o motivo de serem apenas cinco os casos apresentados e sobre o(s) critério(s) que presidiram à seleção dos exemplares (res)guardados.

## 4 Cartas que nos baralham

Coincidência ou não, os cinco pares de cartas reformuladas são todos dos anos 70: um de 1972, outro de 1975 e três de 1978. Os destinatários de cada um dos pares, por sua vez, são todos diferentes. As cópias de 1972 têm como destinatário o crítico literário Manuel Poppe, com quem JAC já se correspondia pelo menos desde 1961. Dizem respeito à primeira carta que o contista lhe enviou naquele ano, à qual se seguiram mais seis.

Os exemplares de 1975 dirigem-se ao que se presume ser, pelo conteúdo, um paciente. Datados de “Domingo, 9 de Novembro de 1975”, e pedindo ao destinatário para comparecer no consultório no dia seguinte, presume-se tratar-se de um bilhete entregue em mão própria. No entanto, como segue o plano de texto da carta, e, à semelhança das missivas do autor, está datilografado em papel de receita, parece-nos não haver razão para o excluir deste conjunto. Nos volumes disponíveis, é o único com este destinatário.

---

<sup>22</sup> Note-se que, de acordo com as cópias disponíveis, esta era a terceira carta enviada a este destinatário.

Quanto às cópias de 1978, um par dirige-se a Castelo Branco Chaves, personalidade da cena cultural portuguesa com quem o médico-escritor vinha mantendo correspondência com uma certa regularidade desde 1973, de acordo com os tomos acessíveis. A carta que conheceu duas versões foi a primeira de três que lhe foram endereçadas em 1978.

Neste mesmo ano, José António de Sousa Pereira, um médico conterrâneo do escritor, recebeu três cartas do colega, sendo a carta duplicada a última da série. É o único caso em que a carta com duas versões vem na sequência de uma interação recentemente iniciada. Encerrado este ciclo, de acordo com os tomos consultados, os colegas não voltaram a trocar correspondência.

É para outro médico, José Maria Rodrigues de Carvalho, presidente da comissão cultural do Centro de Atualização de Estudos Médicos (CADÉM), que Araújo Correia escreve duas versões similares da segunda<sup>23</sup> de três cartas que lhe enviou neste mesmo ano. Segundo os dados disponíveis, trocavam correspondência desde 1971.

Em suma, os exemplares guardados tanto são destinados a correspondentes de longa data, como a recetores pontuais, predominando os primeiros. Entre os destinatários, prevalecem as personalidades ligadas à vida cultural. As cartas que iniciam o ciclo estão em maior número. A identificação destas tendências não responde às questões colocadas no final da secção anterior, pois numa recolha desta magnitude não seria difícil encontrar casos idênticos que, contudo, não tiveram tratamento semelhante.

Outro aspeto a considerar é o tempo que medeia entre as redações. Três dos cinco conjuntos foram redigidos no mesmo dia. Nos outros dois casos, as cópias estão datadas de dias seguidos. Mesmo aqui, não há um intervalo de tempo significativo entre a versão original e a seguinte, sendo portanto rápida a decisão da reescrita.

## 5 Em busca da carta ideal

De acordo com Jean-Michel Adam, qualquer forma epistolar apresenta o seguinte plano de texto: abertura (saudação e indicação do lugar e do tempo), exórdio (preparação para a sequência seguinte), corpo da carta, peroração (transição para o fecho) e fecho (1998, p. 42). Adotaremos este modelo para perceber como se processa a gestação das cartas em JAC, ou, pelo menos, de um certo tipo de carta.

Começando pela fase inicial, uma vez que as cartas e as respetivas cópias são redigidas nas folhas das receitas, no cabeçalho encontra-se impressa a identificação do remetente, incluindo a sua morada, pelo que este apenas acrescenta a indicação temporal. Somente em dois pares as cópias têm datas diferentes, designadamente 3 e 4 de março e 4 e 5 de abril.

---

<sup>23</sup> Como a sua existência se deve à suspeita de extravio da carta enviada anteriormente, que retomava o contacto após mais de meio ano de silêncio, consideramos esta carta como uma nova tentativa de iniciar o diálogo postal.

Se a diferença de um dia não permite variações significativas nas versões, menos serão possíveis naquelas que foram reescritas no mesmo dia. Quando a carta é reformulada num dia diferente, é possível identificar a segunda versão. Supostamente, terá sido o original desta a seguir viagem. Porém, como se mantiveram as duas cópias, não há garantia disso.

Passando à saudação do destinatário, apenas num caso não há coincidência entre as duas cópias. O paciente José Bernardo Sequeira ora é designado por “Meu Amigo e Senhor”, ora por “Meu Ex.mo Amigo”. Neste último caso, o adjetivo anteposto confere uma maior formalidade à expressão. A primeira formulação, porém, é mais subjetiva, não só devido à ausência do adjetivo, mas também ao tom de humildade veiculado pelo substantivo “senhor”. Esta versão sugere, por isso, uma maior proximidade entre o redator e o destinatário.

As diferenças na saudação refletem-se, no final, no “acto confirmativo do elo relacional entre os correspondentes” (Seara, 2006, p. 316): o autor despede-se do “Amigo e Senhor” com “Respeitosamente me subscrevo/ Amigo obrigado”, enquanto “Amigo de V. Ex<sup>a</sup>” corresponde, pela formalidade e distanciamento, ao “Meu Ex.mo Amigo”.

Na carta ao elemento do CADÉM, a saudação é a mesma nas duas versões: “Meu querido Amigo/Dr. José Maria”. No entanto, o “acto de saudação disjuntiva de despedida” (Seara, 2006, p. 316) do remate é diferente numa das versões. Na carta de 4/4, “Apertado abraço deste seu amigo, que nunca esquecerá as su[a]s gentilezas” corresponde à afabilidade da abertura. No dia seguinte, reduz-se a um simples “Apertado abraço do [assinatura]”. Desaparece a reafirmação da amizade e a expressão da eterna gratidão pelas atenções do colega, como se o epistológrafo não se sentisse confortável com a proximidade e a emotividade expressas pela formulação inicial.

Algo idêntico sucede nas missivas dirigidas ao “Meu prezado Amigo e Ilustre Colega/José António de Sousa Pereira”. Na despedida da cópia de dia 3/3, o remetente diz-se “Admirador, Colega e Amigo muito obrigado”, fórmula que, no dia seguinte, se reduz a “Colega e Amigo obrigado”, sendo, portanto, menos veemente o “acto confirmativo do elo relacional entre os correspondentes” (Seara, 2006, p. 316). Visto que em ambos os casos as cópias estão datadas de dias distintos e que é a versão mais recente a mais lacónica, parece que o remetente prefere representar-se mais distante e menos entusiástico ou emotivo. Esta *persona* será motivada pelo destinatário original ou pelo eventual leitor futuro? Seja como for, ao contrário do recetor primeiro, o leitor que justifica o esforço arquivístico terá sempre, através das cópias, acesso a outro JAC.

Uma vez que a familiaridade é dispensada e que os temas das missivas não versam a vida particular nem do carteador, nem dos seus interlocutores, consideramos estas cartas mais próximas do que Jean-Michel Adam designa como “correspondência socialmente distanciada”<sup>24</sup>, assim explicada e caracterizada:

---

<sup>24</sup> “correspondance socialement distanciée”.

A esfera mais ampla e formal da sociabilidade ou das questões relacionais «formais» implica práticas sócio-discursivas sobre objetos de discurso menos íntimos e com um círculo mais amplo de pessoas que se podem considerar simples «relações». A distância entre os correspondentes é, portanto, necessariamente maior neste género do que no anterior [correspondência íntima]<sup>25</sup> (Adam, 1998, p. 47-48).

Nos diversos pares, as maiores divergências entre as cópias verificam-se nas etapas que seguem a abertura. Manifestam-se a dois níveis: ao nível do plano de texto e ao nível da expressão. Neste capítulo, ocorrem duas situações distintas. Três das cinco duplas combinam as duas vertentes, embora seja o plano de texto o mais diferenciado. Quanto aos outros dois pares, a divergência ocorre somente ao nível da expressão: o plano de texto mantém-se; é no domínio do vocabulário que surgem modificações.

Começando pela primeira situação identificada, as diferenças no cumprimento do plano de texto dão origem a versões de dimensão desigual. Assim, no par dirigido ao colega do CADÉM, a primeira versão abre com um exórdio sobre o mau funcionamento dos Correios, suprimido na versão do dia seguinte, que inicia com aquele que é o segundo parágrafo da versão original e no qual se confirma a impossibilidade de comparência num encontro daquela associação, anunciada numa carta enviada anteriormente, “talvez perdida”, expressão acrescentada em substituição do exórdio da redação primeira. Por outro lado, já no fecho, a “extensão de cumprimentos” (Seara, 2006, p. 322) não coincide nos dois casos. Na carta de 4/4, esta reduz-se ao seguinte pedido: “Peço-lhe que me lembre, com a minha mágoa, a todos os membros do CADÉM. [...]”. A versão posterior acrescenta: “Peço-lhe também que cumprimente por mim o conferente da noite – Dr. Jacinto de Magalhães”. Como se reparasse uma lacuna da versão inicial, o remetente adiciona uma saudação específica para o colega cujo papel especial no encontro refere, identificando-o depois pelo nome próprio, individualizando-o assim no conjunto de “todos os membros” e mostrando estar a par do programa.

Nas cópias datadas de 3/1 dirigidas a Castelo Branco Chaves, embora seja impossível saber qual foi redigida primeiro, é inegável que também uma versão é mais breve do que outra. A cópia mais extensa começa por, jogando com as palavras, agradecer a “maneira grande como recebeu a minha *Pátria Pequena*”, seguindo-se o lamento do epistológrafo (disfarçado pedido de desculpas, acompanhado de justificação) por o trabalho, excessivo para a sua idade, não lhe deixar tempo para ler um ensaio da autoria do destinatário. Promete em seguida reparar esta falta logo que tenha condições para ler como gosta esta obra que antecipa ser muito do seu agrado. Depois de retribuir os votos de Bom Ano, onde a felicidade só poderá ser “relativa”, despede-se com um “Até breve”, seguido da promessa de uma nova carta com “algumas linhas sobre o seu ensaio”. Fecha com um “ato de saudação disjuntiva” (Seara, 2006, p. 317) –

---

<sup>25</sup> “La sphère plus large et formelle de la socialité ou des enjeux relationnels « formels » implique des pratiques socio-discursives sur des objets de discours moins intimes et avec un cercle plus large de personnes que l’on peut considérer comme de simples « relations ». La distance entre les correspondants est donc nécessairement plus grande dans ce genre que dans le précédent [correspondance intime]”.

“Receba um abraço” - seguido de um “ato confirmativo do elo relacional” (Seara, 2006, p. 316) com o seu interlocutor: “Admirador e amigo”. A versão reduzida exclui o agradecimento inicial, abrindo logo com o lamento do epistológrafo e a justificação para a sua falha. Embora com algumas diferenças de forma<sup>26</sup>, mantém tudo o que se segue até à despedida, que se resume a um pedido de desculpas por uma rasura anterior, inexistente na versão mais desenvolvida, repetindo a seguir a saudação e a indicação dos sentimentos que o ligam ao destinatário. A rasura, visível e denunciada, exclusiva desta cópia<sup>27</sup>, poderia indiciar ser esta a segunda versão da carta. Resta saber se não teria sido o desejo de a eliminar e de atenuar um início algo abrupto que teria levado à redação mais ampliada.

Também no texto enviado ao paciente, com duas versões escritas no mesmo dia, é evidente o contraste entre uma versão mais extensa e outra mais abreviada. Na primeira, há um exórdio que recorda um acordo anterior, motivo pelo qual o médico entra em contacto com o doente, cuja presença solicita no consultório através de um delicado e formal “peço a V. Exa”. Justifica a seguir a necessidade de um encontro pessoal. Reafirma depois a sua confiança nos colegas a quem José Bernardo vai recomendado. Termina com o envio de saudações à esposa do doente e com um “Até amanhã?” antes da fórmula final já antes analisada.

A brevidade da outra versão resulta de um exórdio reduzido à evocação do acordo anterior, para passar logo em seguida à convocação da visita do doente. Esta é feita através da fórmula “Convirá que V. Exa”, não sendo portanto um pedido do escrevente mas uma vantagem para o seu cliente. Depois da razão para conversarem pessoalmente, passa imediatamente à sequência de fecho, na qual não está presente o dubitativo “Até amanhã?”. É, pois, uma versão reduzida ao mínimo, da qual se desprende uma certa *secura* e onde se exclui a possibilidade de o destinatário não corresponder à solicitação do médico.

Quanto às cópias dissemelhantes apenas no plano da expressão, não há diferenças significativas entre as duas versões, redigidas em dias seguidos, da carta dirigida a José António de Sousa Pereira. O seguinte passo, o mais alterado de uma versão para a outra, ilustra o diverso tipo de mudanças que podem ocorrer, designadamente, substituições (sublinhado), acrescentos (negrito) e supressões (XX):

- a) Daí procede a razão de me felicitar pelo seu rasgo de consciência acordada no sentido da claridade moral. (carta de 3/3)
- b) Daí procede a razão de me felicitar pelo seu acto de consciência acordada no sentido da **paz** e da claridade XX. (carta de 4/3)

Eliminado o adjetivo posposto a “claridade”, esta ganha um sentido mais amplo, subtraindo-se ao domínio específico da moralidade. A “paz” que se lhe junta intensifica a

---

<sup>26</sup> “Mal me sobre um pouco de vagar, lerei de ponta a ponta, com atenção condigna [...]. É meu costume ler *fastine lente*” vs “Mal me sobre um pouco de vagar, para ler *fastine lente*, como é meu costume, lerei de ponta a ponta, com atenção condigna [...]”.

<sup>27</sup> Apesar de haver várias rasuras no *corpus* em análise, nunca motivaram pedidos de desculpa ou foram objeto de qualquer outro tipo de referência.

importância do “acto de consciência”, expressão que, por sua vez, retira a decisão do interlocutor do domínio do impensado ou inesperado. Todas estas alterações tornam o próprio excerto apaziguador.

Nas duas versões da carta a Manuel Poppe, verificam-se os mesmos procedimentos:

- a) Como a minha vida é o cabo dos trabalhos, não disponho de tempo suficiente para frequentar, com assiduidade, a televisão.
- b) Como a minha vida é o cabo dos trabalhos, **diurnos e nocturnos**, mal me sobra o tempo necessário para frequentar XX a Radiotelevisão.

No entanto, datadas do mesmo dia, e na ausência de qualquer informação fornecida pelo autor, não se sabe qual delas foi objeto de revisão, tornando-se rascunho da sua sucessora. Comparando as duas cartas, numa, a parcimónia inicial do autor cedo dá lugar a um estilo mais palavroso, ao contrário da outra, inicialmente mais compassada, mas depois mais concisa:

- i) Percorrer as estradas é o mesmo vs Percorrer estradas, hoje em dia, é o mesmo
- ii) seu e meu amigo vs seu e meu saudoso amigo
- iii) poderei contemplar-me no televisor como testemunha abonatória de Tomás de Figueiredo vs poderei contemplar-me no televisor
- iv) para melhor vincar a expressão e acentuar a transparência vs para ser mais nítido
- v) Quero com isto dizer que gostaria de verificar vs Gostaria de verificar

Merece destaque, em nosso entender, uma passagem em que o uso de estruturas verbais distintas é bastante significativo quanto às intenções que subjazem às opções do escritor:

Se quiser cumprir, como espero vs Se quiser honrar a sua palavra, como espero

Destinando-se esta missiva a levar Manuel Poppe a satisfazer a promessa de aliviar de “excrescências prejudiciais” o depoimento do contista sobre Tomás de Figueiredo<sup>28</sup>, a evocação da palavra honrada tornar-se-ia mais persuasiva do que o simples verbo “cumprir”. Perto do final do corpo da carta, seria uma última cartada para impedir o destinatário de se desviar do combinado. Não temos como saber se o autor escreveu esta versão por achar branda a anterior ou se, pelo contrário, começou por escrever esta e resolveu ser menos incisivo.

A redução da carta ao mínimo – o uso do papel de receita não era irrelevante<sup>29</sup> - e o cuidado com a formulação linguística são características da “correspondência socialmente distanciada”: “Esta segunda categoria exige uma atenção delicada, uma prudência, menos ou nenhum implícito e uma concentração bastante rigorosa sobre o objeto de discurso que motiva a carta”<sup>30</sup> (Adam, 1998, p. 49).

<sup>28</sup> Preocupado com a sua imagem, JAC ambiciona que o seu testemunho seja “passado a limpo” antes de ser divulgado na televisão. Pretende que se aplique à comunicação oral em diferido um tratamento idêntico ao da comunicação escrita.

<sup>29</sup> Do que se conhece, raríssimas vezes o contista escreveu cartas ocupando mais do que o rosto de uma folha de receita.

<sup>30</sup> “Cette deuxième catégorie exige une attention polie, une prudence, moins ou pas d’implicite et une concentration assez stricte sur l’objet de discours qui motive la lettre”.

Para completar este percurso, falta ocuparmo-nos da assinatura, atestado de autenticidade da carta. No caso de JAC, a assinatura manuscrita no final, depois da impressoal escrita mecânica, reveste-se de valor acrescido.

No *corpus* em estudo, há dois conjuntos cujas cópias estão ambas assinadas, o que, tanto no caso dos duplicados realizados em dias diferentes, como no dos que têm a mesma data, aumenta as dúvidas quanto à versão enviada. Por outro lado, uma vez que a assinatura, a menos que haja um *Post Scriptum*, é o último elemento da carta, dando-a por completa, indicia que a decisão de reescrever terá surgido quando o processo de escrita já tinha sido dado por terminado, ao contrário do que terá sucedido com os dois pares que não têm nenhuma assinatura. Neste último caso, podemos até perguntar-nos se alguma das cartas chegou a ser expedida, já que, sem a assinatura, elas parecem não estar concluídas. Claro que não é impossível que o escrevente apenas apusesse a sua assinatura na versão selecionada depois de retirar o papel químico, mas, neste caso, a cópia não reproduziria integralmente o original. Além disso, tal como no original, a presença da assinatura confirma a autoria. Por fim, resta uma dupla, redigida em dias distintos, e onde a assinatura só consta, para nossa tranquilidade, na cópia mais recente.

## Conclusão

Não podemos levar à letra a afirmação de João de Araújo Correia atrás citada, segundo a qual redigia a sua correspondência espontaneamente, sem preocupações literárias. Os exemplares que analisámos comprovam que, mesmo sendo de outra natureza, as preocupações existiam. Apesar de poucas, as cópias de cartas reescritas – e não simplesmente passadas a limpo – que chegaram até nós testemunham o cuidado que o escritor punha na sua elaboração. O uso da máquina de escrever e do papel de receita, o pouco tempo disponível deixariam também a sua marca no processo de escrita, assim como o desejo de clareza, a adequação aos destinatários reais e virtuais e ao assunto.

Embora os exemplares analisados atualizem um subgénero específico, a “correspondência socialmente distanciada” de que fala Jean-Michel Adam, as versões distinguem-se sobretudo na extensão do texto e na formulação linguística, sendo o exórdio, o corpo do texto e o início do fecho as etapas da carta onde mais alterações se verificam. Nelas se exprime um “eu” que oscila entre a distância e a proximidade.

A voz corrente de que “Cartas são papéis” não faz justiça à importância e à complexidade deste género textual que arquiva e é objeto de arquivo, levando longe, no tempo e no espaço, um ser que sonhou o (seu) futuro.

## Referências

- ADAM, J-M. Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives. In SIESS, J. (Org.). *La lettre, entre réel et fiction*. Paris: SEDES, 1998, p. 37-53.
- BABO, M. A. A escrita e seus dispositivos. In POMBO, O.; GUERREIRO, A.; FRANCO, A. F. (Orgs.). *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Edições Duarte Reis, 2006, p. 90-94.
- CORREIA, J. de A. *Pó Levantado*. Peso da Régua: Imprensa do Douro, 1974.
- CORREIA, J. de A. *Palavras Fora da Boca*. Peso da Régua: Imprensa do Douro, 1972.
- CORREIA, J. de A. *Folhas de Xisto*. 2ª ed. Lisboa: Portugália Editora, 1968.
- CORREIA, J. de A. *Manta de Farrapos*. Peso da Régua: Imprensa do Douro, 1962.
- COSTA, J. (prefácio e notas). *Castilho e Camilo. Correspondência trocada entre os dois escritores*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924.
- DIAZ, J-L. Qual genética para as correspondências? *Manuscrita*, nº 15, p. 119-162, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2596-2477.i15p119-162>.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'interaction épistolaire. In SIESS, J. (Org.). *La lettre, entre réel et fiction*. Paris: SEDES, 1998, p. 15-36.
- PONO, N. *Explorer l'atelier épistolaire: étude de correspondance d'écrivains*. Dissertação (Maîtrise en études littéraires) – Université du Québec à Montréal, 2015. Disponível em: <http://archipel.uqam.ca/id/eprint/8001>. Acesso em 10 mai. 2024.
- PONTES, C. G. *A dança dos pobres diabos: o idealismo neutralizado e a degradação dos personagens nos contos de Moreira Campos*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2011. Disponível em: [https://www.uem.br/controledepaginas/ppgl-dissertacoes-defendidas-2011/arquivos/0722dissertacao\\_carlos\\_gildemar\\_pontes.pdf](https://www.uem.br/controledepaginas/ppgl-dissertacoes-defendidas-2011/arquivos/0722dissertacao_carlos_gildemar_pontes.pdf). Acesso em 15 abr. 2024.
- RIBEIRO, A. *Ao Lume Brando da Urze. Estudos sobre João de Araújo Correia*. Lisboa: Âncora, 2016.
- ROCHA, A. C. *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965.
- SEARA, I. R. *Da epístola à mensagem electrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*. Dissertação (Doutoramento em Linguística) - Universidade Aberta, Lisboa, 2006. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2411>. Acesso em 3 abr. 2024.
- SILVA, M. P. da. *Realidade e Ficção. Para uma Biografia Epistolar de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.